

Paraná promove 'subversão' no ensino

■ Concertos, tai-chi e filosofia marcam experiência revolucionária de reciclagem

ALEXANDRE MEDEIROS

FAXINAL DO CÉU, PR — Fosse em outros tempos e estariam todos presos por subversão. E é mesmo subversão o que vem acontecendo desde março neste pequeno distrito de Pinhão, região sul do Paraná. A cada semana, 960 professores de 1º e 2º graus — trazidos de ônibus dos 399 municípios paranaenses — desembarcam em uma vila de casas coloridas, cuidadosamente instalada em um vale 1.200 metros acima do nível do mar. Cercados por bosques de araucária, eles são divididos em grupos e mergulham em uma inesquecível experiência de reciclagem pessoal e profissional. Algo de novo está acontecendo com a educação neste país e os ventos da mudança vem de Faxinal do Céu.

Se alguém imaginou um seminário com palestras enfadonhas, pode esquecer. Durante os seis dias em que permanecem na vila, os professores — mulheres em sua arrasadora maioria — ouvem e falam de tudo. Até mesmo de educação. Narram suas experiências nas salas de aula, assistem filmes, peças de teatro e concertos de música, têm aulas de tai-chi-chuan e filosofia oriental, cantam e dançam, conversam muito, praticam exercícios físicos e fazem meditação às margens de um belíssimo lago. “A idéia básica é despertar a sensibilidade de cada professor, estimular o potencial que está guardado dentro de cada um”, explica o governador do Paraná, Jaime Lerner, criador e principal incentivador do que se convencionou chamar de Universidade do Professor.

A idéia de Lerner era oferecer aos professores da rede pública um programa de qualificação profissional. O governo do estado escolheu Faxinal do Céu porque lá já havia uma vila usada pelos técnicos que construíram a usina hidrelétrica de Foz do Areia. Escolhido o lugar, o governador foi atrás das pessoas. Encontrou no Rio a equipe do professor Arthur Pereira e Oliveira Filho, diretor-presidente do Centro de Educação Gerencial Avançada, com larga experiência em cursos para executivos. Nasceu assim o projeto dos seminários de educação avançada para professores.

Emoção e choro — O primeiro foi feito em março deste ano. Na semana passada, a 26ª turma passou por Faxinal do Céu, completando um total de 20 mil professores revigorados. “Temos 50 mil professores. Se 20% forem tocados, vamos mudar o ensino desse país”, acredita Jaime Lerner. A julgar pelos relatos dos professores que passaram por Faxinal do Céu na semana passada, esse percentual será ultrapassado.

“Uma professora que já passou por aqui me avisou que eu iria chorar no final, de tanta emoção. E eu já chorei no início”, depôs a professora Vera Hwibner, de 39 anos, que dá aulas há 18 anos para alunos de 1ª a 4ª série na pequena Imbituva, a 200 quilômetros a oeste de Curitiba. Vera enfrentou — e enfrenta — todo o tipo de dificuldade. Filha de imigrantes alemães, se apaixonou por um lavrador negro e resistiu às pressões da família. “Estou casada há 13 anos, tenho dois filhos e meu pai tem hoje o melhor genro do mundo”, garante.

Na terça-feira passada, Vera passou sua vida em revista na beira do lago de Faxinal do Céu. Ao lado de duas centenas de colegas de profissão, fechou os olhos num exercício de meditação ministrado pelo professor Hélio Costa, ao som de Milton Nascimento e Frank Sinatra. Quando abriu os olhos, viu que eles estavam úmidos. “Eu cultivo violetas em uma sala da minha escola. Lembrei delas agora”, disse, antes de prosseguir a caminhada pelo horto repleto de hortências.

Vera recebe R\$ 300 por mês numa escolinha encravada na zona rural. Quando não está com seus 19 alunos, ela cuida de vacas, porcos e galinhas: “Tenho uma vida muito simples. Os alunos são como filhos. Estou com eles há quatro anos, desde que entraram na 1ª série. Vou ter que entregá-los a outra professora ano que

vem, quando ingressarem na 5ª série. Eles frequentam minha casa, me deixam bilhetes e presentes e já estou imaginando como vai ser a despedida. Só aí a gente vê o quanto é importante.

Ensinando a aprender — Fazer com que os professores alcancem esses momentos de reflexão é um prazer para o professor Arthur Pereira. É ele quem faz a palestra inicial para as turmas que chegam a Faxinal do Céu. “Acho que educar é ensinar a aprender. Tentamos fazer com que cada um deixe fluir seus talentos adormecidos”, acredita Arthur. Na palestra, ele projeta na tela fragmentos do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, de Peter Weir. Depois da projeção, ainda com as luzes do auditório Rubens Corrêa apagadas, ele pergunta: “Não haverá poetas dentro de vocês? Pintores, escultores, professores notáveis?”

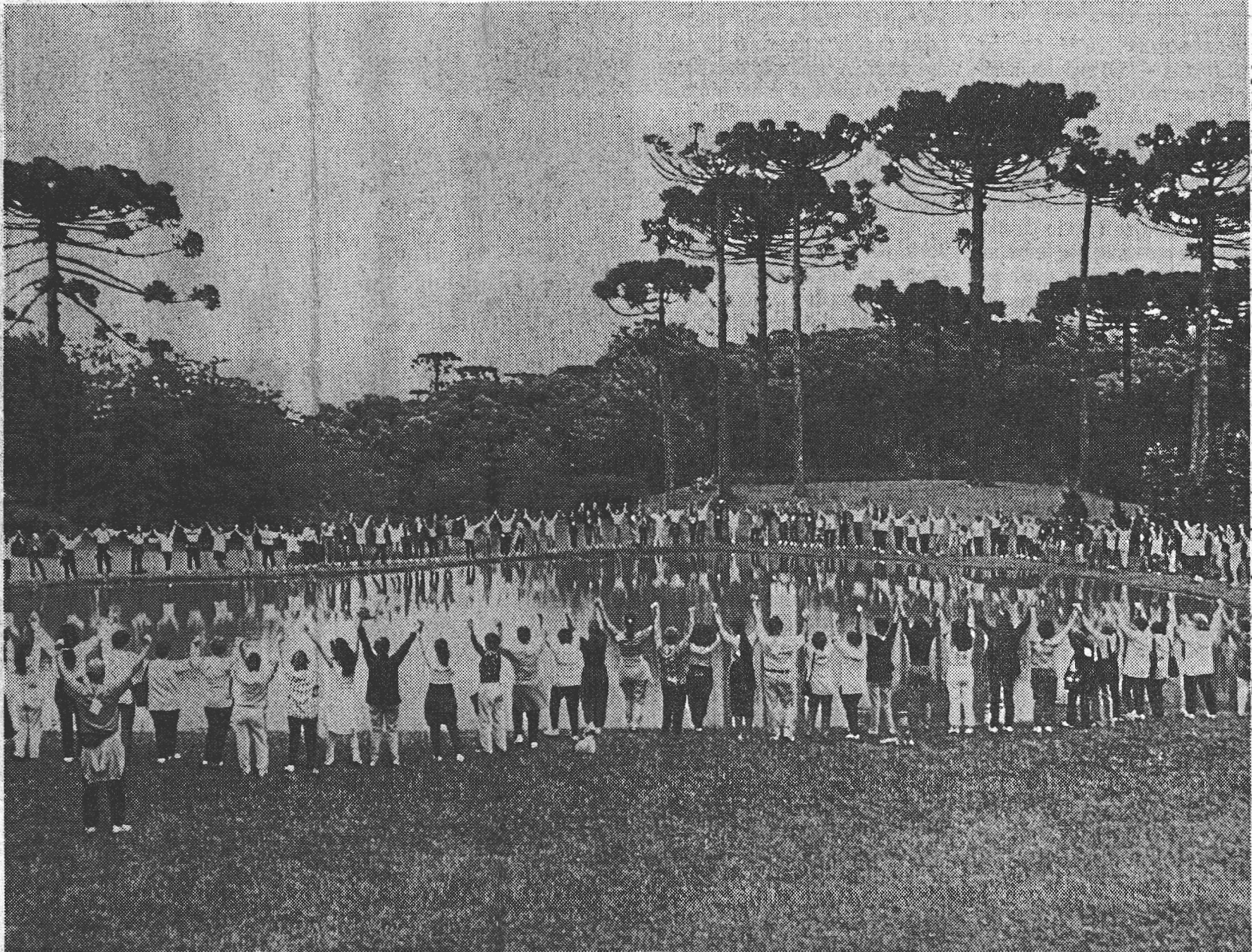
As reações individuais são compartilhadas nos grupos. Os professores são divididos pelas casas da vila em grupos de quatro, de cidades diferentes. Os grupos de trabalho têm sete professores, cada um de um município. A troca de sensações e informações é feita em cadeias por Faxinal do Céu. Até mesmo no bar do DJ Rodrigo, vulgo Cotonete, onde a turma dança e bebe cerveja, que ninguém é de ferro. “Criamos ambientes interativos. A idéia é que esses ambientes se multipliquem pelo Paraná”, indica o professor José Monir Nasser, economista e consultor de empresas.

Triste realidade — É nos grupos de sete que esses ambientes são mais nítidos. Os debates sobre a escola pública revelam idéias e experiências práticas fascinantes. Na terça-feira passada, a professora Damares Rodrigues, de 21 anos, defendeu uma proposta de maior integração entre os professores e os pais de alunos a partir de uma triste realidade que enfrenta em sua escola, na periferia de Umuarama. “Já tivemos de pedir autorização dos pais para passar veneno contra piolhos nas cabeças de dois meninos. Temos que trazer as famílias para as escolas”, defendeu.

O professor Rubens Portugal é um dos responsáveis por garimpar nos grupos de sete idéias como a que brotou da experiência da professora Damares. É um trabalho que o encanta. Os próprios professores elegem as melhores propostas que surgem nos debates, mas Portugal e um grupo de analistas lêem todos os trabalhos produzidos. “O caráter eminentemente conservador dos grupos às vezes rejeita idéias maravilhosas. Esse garimpo revela essas idéias”, conta ele. As propostas vencedoras, mais as garimpadas pela equipe de Portugal, são editadas na *Memória da Semana*, já na 14ª edição.

As propostas vão para o boletim, mas as reações ficam no coração. A professora Valéria Tavares, de 26 anos, dá aulas de Francês para alunos de 2º grau em uma escola de Cianorte. Formada em Letras — Português/Francês pela Universidade Estadual de Maringá —, ela certamente era uma das mais preparadas profissionais da turma que passou semana passada por Faxinal. “Vou sair daqui com vontade de crescer mais, tentar um mestrado ou uma pós-graduação. Faxinal me faz pensar no futuro”, disse ela, com desejos que talvez já não caibam em Cianorte.

Outros podem caber numa escolinha de Paranavai. É para lá que a professora Zilda Bego vai levar as emoções que sentiu na noite de quarta-feira passada, depois de assistir ao recital do pianista Arnaldo Cohen no auditório Rubens Corrêa. Emocionada, ela puxou uma colega pelo braço na saída e disparou: “Quem sabe a gente não possa usar na sala a maleabilidade dos dedos do pianista? Saber em que momento um aluno precisa mais de ajuda que um outro, como se ensinar fosse uma música de vários tons que nós estamos executando?”. A colega fez que sim com a cabeça, como se Beethoven já pudesse ser ouvido lá em Paranavai.



Criada num vale paradisíaco, a Universidade do Professor foi idealizada por Jaime Lerner para permitir trocas de experiência e sensibilidade